

A Participação do Brasil no Comércio Internacional em 2009

Brasil pode diminuir a quantidade de seu comércio, mas ter aumento na participação global no comércio internacional neste ano

Gabriel Borges

Analista de Comércio Exterior

A tão propalada crise internacional chegou ao Brasil, e seus efeitos superaram as mais pessimistas previsões. Os entusiastas da administração Lula, a exemplo do economista Delfim Netto, ministro do “Milagre Econômico”, não contavam com um recuo de 3,6% da Produção Interna no último trimestre de 2008. Acreditava-se que o Brasil iria passar ileso pela crise e que, de bandeja, elevaria sua participação política nos fora de discussão multilateral. Sem dúvida, o aumento da participação econômica no comércio internacional tem como efeito o fortalecimento político do país.

O Brasil já resente a crise internacional, não passaremos ilesos por ela, os índices econômicos revelam o recuo da produção industrial brasileira. Somados esses elementos, entenderíamos que, em condições normais de temperatura e pressão, o país dificilmente tiraria proveito de alguma ordem do momento de crise. Porém, como sabemos que aqui as previsões já nascem fadadas ao fracasso; o melhor, em muitos casos, é acreditar no contrário do que se previu.

Sem entrar na discussão quanto ao mérito das políticas macroeconômicas, podemos destacar a possibilidade de o Brasil celebrar mais uma ventura, quando a Organização Mundial de Comércio (OMC) tiver consolidado os dados de 2009. De modo incoerente, os números poderão apontar um crescimento da participação brasileira no comércio

internacional, ainda que tenhamos reduzido nossas exportações e importações. Em outras palavras, poderemos aumentar nossa participação relativa no comércio, ainda que tenhamos reduzido a nossa participação absoluta – diminuí o volume do comércio com outros países, mas aumenta a porcentagem de participação brasileira no mercado internacional.

No mês de janeiro, o Brasil registrou seu primeiro déficit da Balança Comercial desde 2001. Nos meses de fevereiro e março, os registros de superávit voltaram, mas o Brasil não retomou o valor das transações dos primeiros meses de 2008. Em fevereiro deste ano, houve recuo de 29,66% da corrente brasileira de comércio comparativamente ao mesmo mês do ano passado. Esses números não assustam tanto, se analisarmos o recrudescimento do protecionismo desde os últimos meses do ano passado e a previsão de órgãos especializados, inclusive do Fundo Monetário Internacional – FMI –, de que 2009 será o ano de maior involução da economia mundial pós-1929. A retração comercial, fez com que o Premiê britânico falasse em risco de “desglobalização”. A OMC apresentou previsão de 7% de retração do comércio internacional para 2009, enquanto o FMI, menos pessimista, falou em retração de 5%.

As exportações do Brasil são prioritariamente de produtos primários e de baixo valor agregado. Todavia, o que seria um fator negativo para a nossa Balança Comercial, pode contribuir para a manutenção de nossas operações de exportação. Os bens primários costumam servir de matéria-prima para indústrias e suprir necessidades básicas dos consumidores. Em momento de recessão não são, por esse motivo, os primeiros a sair da lista de compras. Além disso, a constante aposta brasileira na diversificação dos parceiros comerciais poderá trazer equilíbrio às nossas contas, uma vez que não há dependência de um pequeno grupo de mercados externos, mas existe uma rede complexa de relações comerciais.